

## Representações do Trabalho da Mulher em Textos de Materiais Didáticos de Português para Estrangeiros Publicados no Brasil do Século XX

Ana Maria M. G. Leite de Carvalho<sup>1</sup>

[anamglc@uol.com.br](mailto:anamglc@uol.com.br) - UFF

O livro didático de língua estrangeira pode ser muito mais do que uma ferramenta de auxílio pedagógico. Um olhar atento encontra no conjunto dos textos que o integram, criados e/ou selecionados pelo crivo do(s) seu(s) autor(es) (brasileiro/s ou estrangeiro/s), um instigante objeto de estudo, já que dali emergem recortes simplificados da sociedade brasileira, representados de acordo com a visão do(s) criador(es) do manual.

Essa visão varia não só em função do tempo e do espaço, mas também da cultura de origem e do lugar social do autor, local do qual lança seu olhar sobre a realidade representada. Assim, o Brasil e sua gente revelarão nuances diferentes se representados por um nativo ou um não nativo, pelo habitante de uma região ou de outra, por um olhar masculino ou feminino.

O estudo das representações<sup>2</sup> da sociedade brasileira inscritas em materiais didáticos de Português do Brasil para Estrangeiros (PBE) tem atraído, a partir da última década, a atenção de pesquisadores brasileiros e estimulado a produção de trabalhos, dissertações e teses. Como professora de PBE meu foco de atenção se dirigiu naturalmente para os estudos sobre representações sociais em materiais didáticos de PLE. Em minha dissertação de mestrado observei como a mulher brasileira era configurada pela palavra e pela imagem em três livros didáticos de PBE editados no Brasil nos anos 50, 80 e 90 (CARVALHO, 2008), os quais também fizeram parte do rol de manuais de PBE selecionados para análise na minha tese de doutorado, na qual enfoquei as representações do trabalho em nossa sociedade (CARVALHO, 2015).

---

<sup>1</sup> A associada é pós-graduada em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, apresentando, no presente texto, resultados de sua dissertação de mestrado (Carvalho, A. M. de. *As representações da mulher em textos de livros didáticos de PBE*. Niterói:UFF, 2008), bem como de sua tese de doutorado (Carvalho, A.M.de *Representações do trabalho em textos de materiais didáticos de PBE publicados no Brasil no século XX*.)Niterói: UFF, 2015).

<sup>2</sup> Com base em Jodelet (2001) consideramos *representação social* como uma forma de conhecimento elaborada e compartilhada socialmente que, com um objetivo de caráter prático, contribui para a construção de uma realidade comum a um grupo social. Ver: JODELET, D. La notion de représentation sociale. In: MOSCOVICI, Serge. (org.) *Psychologie Sociale*. Paris: PUF, 1984.

Para tanto, pesquisei cinco manuais de ensino editados em períodos que indicavam a ocorrência de importantes alterações no universo de trabalho brasileiro: *Língua Portuguesa para Estrangeiros*, de Hermine Weise Töpker, publicado em São Paulo, na década de 40; *Português para Estrangeiros*, de Mercedes Marchant, publicado em Porto Alegre, na década de 50; *Mil palavras em Português para Estrangeiros*, de Eli Behar, publicado em São Paulo, em 1970 *Tudo Bem – I*, de Raquel Ramallete, editado no Rio de Janeiro, nos anos 80; *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*, de Ponce, Burim e Florissi, publicado nos finais dos anos 90, em São Paulo.

Os temas analisados permitem que se faça um paralelo entre as duas pesquisas, e assim, observar a trajetória percorrida pela mulher brasileira em tempos e contextos sociais diferentes, atestando não só a sua presença como elemento atuante na vida produtiva do Brasil, como também a sua luta em prol de melhores condições no mercado de trabalho.

O primeiro livro, o de Töpker, é ambientado na cidade de São Paulo, na década de 40, quando estava em vigência o governo Vargas. O fio condutor das leituras criadas pela autora é uma família de classe média alta, o que possibilita que se constate que, naquele período, as famílias paulistas mais abastadas experimentavam a chegada da tecnologia, ocorrida com a instalação de diversas fábricas (de eletrodomésticos, por exemplo). A industrialização estimulava a abertura de novos estabelecimentos comerciais, intensificando o consumo. Eram tempos de apoio ao trabalho e da criação de leis trabalhistas para o amparo dos trabalhadores dos centros urbanos.

As mulheres são representadas no exercício de atividades consideradas, na época, como femininas, desenvolvidas no espaço interno das suas casas (as mais abastadas preparavam-se desde meninas para serem, prioritariamente, donas de casa, esposas e mães) ou nas de seus empregadores – como serviçais (cozinheiras, copeiras, arrumadeiras), ou, então, no exercício de ofícios, como o de costureira. Apesar de a cidade de São Paulo encontrar-se em um período de crescimento do seu parque industrial, Töpker não fala sobre o trabalho fabril, atividade exercida há muito tempo por mulheres das classes mais pobres<sup>3</sup> e nem faz referências ao trabalho da mulher no campo, embora o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1970, indique que nos anos 40, o Brasil possuía 35,3% de mulheres

---

<sup>3</sup> Jornais de 1874 incentivavam menores e mulheres a trabalharem em fábricas paulistas. Ver:Blay, Eva.Trabalho Domesticado:A Mulher na Indústria Paulista, 1978, p.137.

exercendo atividades agrícolas.<sup>4</sup> Por outro lado, os textos já apontam a emergência de atividades relacionadas ao trabalho externo ao lar, desenvolvido em estabelecimentos comerciais e escritórios (caixa, cabeleireira, secretária, datilógrafa etc). como reflexo das políticas trabalhistas e desenvolvimentistas da era Vargas.

No livro de Marchant encontramos Porto Alegre de 1954. O fio condutor das leituras do manual é um casal sem filhos, da classe média letrada: ele professor e ela, do lar. São anos 50, tempos de pós-guerra, contaminados pelo otimismo em relação ao desenvolvimento econômico, modernização e urbanização do país. Nesta década, Porto Alegre também se apresenta em ritmo acelerado de urbanização devido à intensificação do processo de industrialização de sua Região Metropolitana e do próprio estado.

Os textos verbais contidos neste material permitem perceber que o espaço da mulher casada de classe média continuava sendo o lar e as atividades que exercia estavam em relação ao bom funcionamento do mesmo. Às solteiras e menos favorecidas cabiam os trabalhos considerados femininos: enfermeiras, atendentes, balconista, cabeleireira, etc (atividades voltadas para cuidar e servir). O grau de letramento presumido para o desenvolvimento das atividades femininas representadas tanto no livro de Töpker quanto no de Marchant é o ensino básico e médio. Mas, há dois textos no livro de Marchant que fazem menção a um grau de instrução superior (cartas dirigidas a mulheres que desempenham atividades de professora universitária e autora de material didático).

O livro *Mil Palavras em Português para Estrangeiros*, de Eli Behar, foi publicado em 1970, em São Paulo. Diferentemente das obras de Töpker e Marchant, mas em consonância com os materiais para ensino de línguas estrangeiras em uso na década de 70, não encontramos, no conjunto dos textos criados pelo autor, uma família nativa como fio condutor de *flashes* do cotidiano brasileiro. Nos diálogos apresentados predominam personagens masculinos diversos, representados com um olhar estrangeiro e um discurso machista. Nas raras representações da mulher no exercício de uma profissão – vendedora, aeromoça, professora – seu perfil é extremamente erotizado, com trajés inadequados e comportamento ambíguo. Os textos não verbais representam as mulheres brasileiras de forma preconceituosa, nuas ou quase nuas, com roupas muito curtas e decotadas, o que não era usual em São Paulo dos anos 70. Em alguns textos do

---

<sup>4</sup> Ver: Zylberstajn, Hélio e outros. *A Mulher e o Menor na Força de Trabalho*, Ministério do Trabalho, 1985, p.25.

gênero piada, as falas atribuídas às mulheres, sempre deixam entrever o seu interesse em sustentar-se através do dinheiro dos personagens masculinos.

Raquel Ramallete ambientou seu livro no Rio de Janeiro e sua edição é de 1984. Na capa, com ricas ilustrações coloridas, já encontramos a representação de personagens de ambos os sexos, trabalhadores, que faziam parte do cenário carioca da época. Destaco a representação da lavadeira (ainda presente no Rio daquela década, evidenciando que nem todos os lares de classe média tinham acesso às máquinas de lavar) - a mulher negra, trabalhadora informal, geralmente moradora da favela, que descia o morro trazendo uma trouxa de roupa na cabeça e conduzindo pela mão uma criança pequena.

O país se encontrava em regime militar e em grave crise econômica que pode ser percebida na referência ao desemprego e à precariedade dos serviços de assistência social. Por outro lado, grandes mudanças se faziam sentir no mundo do trabalho, tanto nas formas de produção quanto nas relações de trabalho e no nível de instrução do trabalhador. Mas, em relação à representação da divisão do trabalho por sexo, não foram observadas muitas mudanças. Nos textos verbais, as mulheres casadas ainda são representadas no espaço do lar, tendo como atividades as tarefas domésticas e o cuidado com a família. Já a representação de mulheres solteiras evidencia algumas modificações: elas estão preocupadas em melhorar o seu grau de instrução. Podemos observar o início da feminização dos cursos superiores, a profissionalização em áreas antes consideradas masculinas, como a Medicina e a Odontologia.

Os textos verbais mostram também mulheres desempenhando outras atividades: escritora, funcionária de estatal, jornalista, enfim, distanciando-se dos nichos de trabalho até então considerados como femininos (professora, enfermeira etc).

Nos textos verbais, não verbais e multimodais de *Bem-Vindo!*, editado em São Paulo e escrito por Ponce, Burim e Florissi no final da década de 90, já registramos novas representações de personagens femininos em atividade laboral, compatível com o universo do trabalho daqueles anos. Personagens representadas como psicóloga, médica, repórter, representante comercial, empresária, diretora de empresa, escritora, cantora passam a figurar ao lado de outras que já haviam sido representadas nos materiais elaborados nas décadas anteriores como domésticas, cabeleireiras, recepcionistas, secretárias e garçonetes. Surge a figura da sacoleira, trabalho informal, certamente produzido pelas dificuldades econômicas geradas pela crise da década de 80.

As personagens femininas aparecem, nos anos 90, em um cenário que engloba cargos e profissões em diferentes contextos de trabalho, compatíveis, na sociedade brasileira, com maior remuneração, grau de letramento e prestígio.

Percebemos que a maioria dos manuais didáticos analisados representaram a figura feminina adaptada aos costumes e ao mercado de trabalho condizentes com o tempo e o contexto de sua produção. Tal conclusão reforça o pensamento de Zarate (1995), que considera o livro didático “um produto cultural” , que “reflete sempre o conjunto de valores, crenças, opiniões e percepções próprias à cultura de origem de seu autor”.

### **Bibliografia:**

BEHAR, ELI. **Mil palavras em Português para Estrangeiros**. São Paulo: Hemus, 1970.

JODELET, D. (org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARCHANT, M. **Português para Estrangeiros**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1969

PONCE, M.H.O. de; *et al.* **Bem-Vindo!** A língua portuguesa no mundo da comunicação. São Paulo: SBS, 1999.

RAMALHETE, R. **Tudo Bem 1**. Português do Brasil. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1984.

TÖPKER, H. **A língua portuguesa para estrangeiros**. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

ZARATE, G. **Représentations de l' étranger et didactique des langues**. Paris: Didier, 1995.